



COMENTÁRIOS DO GESTOR
+ ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Economia Norte-Americana

O ciclo de crescimento dos Estados Unidos começou a dar indícios mais contundentes de arrefecimento, com o mercado de trabalho apresentando uma perda de tração. Os dados referentes ao emprego em julho chamaram a atenção do mercado, seja pela baixa criação de vagas no mês, seja pelas profundas revisões nos dados dos meses anteriores, mostrando uma criação de emprego menos robusta do que o divulgado anteriormente.

A criação líquida de empregos no acumulado de 12 meses até junho tinha sido de 1,8 milhão. Porém, esse dado foi revisado para 1,5 milhão. Já em julho, a criação nos últimos 12 meses permaneceu em 1,5 milhão. A taxa de desemprego vem avançando, mas lentamente. Em julho a relação foi de 4,25%, frente a uma estimativa de taxa natural de desemprego de 4,32%.

Esse arrefecimento do mercado de trabalho pode aprofundar o recuo da taxa anual de crescimento do Produto Interno Bruto norte-americano, que foi de 2,33% no segundo trimestre de 2025, sendo que no quarto trimestre de 2024 o crescimento foi 2,80%. Na demanda interna, o consumo das famílias e a taxa de investimento está recuando. A taxa de crescimento anualizada esperada para o terceiro trimestre de 2025 é de 3,04%, conforme os modelos de Federal Reserve.

Uma situação que gera conforto é a alavancagem do setor privado norte-americano. Enquanto a dívida mobiliária do setor público avança, famílias e empresas americanas se endividam menos como proporção do PIB. Isso significa um ciclo de crédito saudável, excluindo a possibilidade de um recuo mais pronunciado do crescimento econômico.

O mercado acionário americano continua apresentando fundamentos sólidos. A relação Preço/Lucro do MSCI US está em 37x, enquanto a relação Lucro/preço (earnings yield) está em torno de 2,7%. No mercado de crédito, os spreads continuam comprimidos. Atualmente uma empresa investment grade se financia com um prêmio de 33bps acima dos treasuries, enquanto uma empresa high yield se financia com um prêmio de 179bps. Os spreads estão nas mínimas em anos.

No ambiente inflacionário, o repasse das tarifas de importação começou a ficar mais presentes. No mês de julho houve uma surpresa com o índice de preços ao produtor norte-americano. A variação anual passou de 2,36% para 3,28%, retornando às máximas do ano. Na inflação para o consumidor, o indicador permaneceu avançando em bases anuais. Após tocar as mínimas do ano em abril (2,33%), o indicador subiu para 2,73% em julho, reflexo de uma pressão sobre os preços de bens industriais e uma reversão da deflação dos preços de energia.

No mercado de juros, a inflação implícita não apresentou grandes movimentos no mês, exceto no vértice mais curto de 2 anos, que atualmente está em 2,71%, após ter tocado 2,55% no início de agosto. Nos vencimentos mais longos, a inflação implícita de 5 e 10 anos está atualmente em 2,43% e 2,36%, respectivamente.

Após toda a turbulência com as tarifas, Donald Trump também resolveu atacar a independência do Federal Reserve, “demitindo” a Lisa Cook, membro do Board do banco e componente do Federal Open Market Committee (FOMC). Lisa tem mandato até meados de 2038, que só poderá ser encurtado caso haja comprovação de algum crime de responsabilidade. Aparentemente o intuito de Trump é ter maioria no Board do Fed (composto por 7 membros). Com a saída de Jerome Powell da presidência em maio do ano que vem e a possível demissão de Cook, os indicados seriam maioria do partido Republicano. Não é necessário dizer que essa situação é contraproducente e só aumenta as incertezas para o mercado.

Ainda assim, diante desse cenário, é muito provável que o Fed retome o ciclo de afrouxamento monetário em setembro. O mercado de juros precifica que os Fed Funds estarão em 4,00% no final de 2025 e 3,25% no final de 2026.

Porém, as incertezas são evidentes na curva de juros americana. A taxa nominal de 2 anos vem recuando e atualmente está em 3,61%, contra uma taxa de 4,25% no início de 2025. No sentido oposto os juros longos estão subindo. A taxa nominal de 30 anos avançou de 4,79% para 4,90%, no mesmo período analisado. Reflexo das incertezas do mercado.

Nesse cenário, o dólar pouco variou no mês. O U.S. Dollar Index (DXY) permanece na média no mesmo patamar do mês passado, com uma queda contundente ainda em 2025.

Economias Europeias

A heterogeneidade do crescimento da Europa evidencia os desafios que o bloco tem para a sustentabilidade do modelo monetário. Na Zona do Euro, a maior economia, a Alemanha, deve apresentar uma queda de 0,05% no PIB em 2025, enquanto a quarta maior, a Espanha, vai crescer em torno de 2,51% neste ano.

As incertezas com a dívida europeia também voltaram para os holofotes. França, Itália e Espanha atualmente estão com dívidas públicas de 116%, 137% e 100% do PIB, respectivamente. Nas últimas semanas, o problema foi a proposta orçamentária na França para 2026.

O governo do centrista François Bayrou, que é minoria no parlamento, enfrenta na França duas semanas de agonia antes do voto de confiança de 8 de setembro. Seu objetivo é, primeiro, obter aprovação de seu plano de economia orçamentária de quase 44 bilhões de euros. Mas a rejeição dos partidos de oposição significa que as chances do governo sobreviver à votação são atualmente mínimas.

Houve um certo contágio para os mercados. O Credit Default Swap de 5 anos francês subiu 10bps nos últimos dias, enquanto o CDS alemão ficou estável. No mercado de crédito, os spreads tiveram uma leve abertura nos últimos dias, mas ainda estão em patamares muito baixos. No mercado acionário, o valuation do MSCI Europe permanece estável desde meados do início de 2025. O retorno em 2025 é exclusivamente aumento no crescimento dos lucros futuros (também ajudado pela apreciação do Euro).

A inflação das economias da Europa permanece distintas. Enquanto a inflação ao consumidor da Zona do Euro permanece estável em torno de 2%, a taxa do Reino Unido permanece subindo, atualmente em torno de 3,89%.

Nas expectativas de política monetária, os mercados precificam que os bancos centrais estão próximos ou já concluindo o ciclo de queda de juros. O mercado precifica que o European Central Bank (ECB) manterá juros estáveis em 2% nos próximos meses.

As taxas nominais de 2 anos estão em queda, refletindo as expectativas de afrouxamento ao longo do ano. Porém, ao observarmos as taxas longas de 10 anos, os yields foram às máximas nas últimas semanas. As cotações cambiais permanecem estáveis frente ao dólar no mês, mas apreciando em 2025.

Economias da Ásia

As eleições para a câmara alta do Japão colocaram pressão sobre a coalizão de centro-direita liderada pelo primeiro-ministro Shigeru Ishiba. O Partido Liberal-Democrata perdeu cadeiras, e a coalizão de Ishiba deixou de ter maioria na casa. Embora as pesquisas indiquem baixos índices de aprovação para o primeiro-ministro, um voto de desconfiança ainda não está no radar político.

Essa desconfiança com a situação política trouxe incertezas sobre a política fiscal. O temor do mercado é que o governo de Ishiba seja substituído por um governo populista que alavanque o déficit público e coloque a relação dívida/PIB em patamares ainda mais elevados, pressionando a demanda por ativos ultralongos do governo japonês.

No campo macroeconômico, a economia japonesa enfrenta choques sem precedentes nas últimas décadas. O crescimento econômico acelerou de 1,3% ao final de 2024 para 1,7% no primeiro trimestre de 2025, na comparação anual. Com isso, a inflação ao consumidor atingiu 3,23%, enquanto o núcleo da inflação gira em torno de 1,64%.

Nesse contexto, o Banco do Japão (BoJ), em sua última reunião de política monetária, decidiu manter a taxa básica de juros em 0,50%. No mercado de juros, as taxas dos títulos japoneses de 10 anos avançaram para 1,62%, maior patamar de 2007.

No mercado cambial, o iene permanece estável frente ao dólar, porém se aprecia em 2025.

Economias Emergentes

A economia chinesa vive um momento de inflexão, no qual os mecanismos tradicionais de estímulo ao crescimento enfrentam crescente perda de eficácia. Com a derrocada do setor imobiliário a partir de 2021 (pilar histórico da geração de riqueza das famílias e motor do crescimento urbano), autoridades locais passaram a direcionar recursos massivamente para a indústria, especialmente em setores considerados estratégicos, como veículos elétricos, baterias, inteligência artificial, robótica e energia solar. Essa guinada busca acelerar a transição do país para uma economia de alta tecnologia e maior valor agregado, em linha com o conceito defendido por Xi Jinping de “novas forças produtivas de qualidade”.

No entanto, a execução dessa estratégia tem produzido distorções preocupantes. A proliferação de parques industriais recém-construídos, mas com alta taxa de vacância, ilustra o descompasso entre os investimentos e a demanda efetiva. Muitos desses empreendimentos são ocupados apenas parcialmente ou servem como depósito de materiais, refletindo uma alocação ineficiente de capital. Apesar disso, o investimento manufatureiro continua crescendo em ritmo acelerado, com alta de 7,5% no acumulado de 2025 até agora, após expansão de 9,5% em 2024.

Esse excesso de capacidade está intensificando a chamada neijuan (termo que descreve a concorrência excessiva e improdutiva, marcada por guerras de preços e erosão das margens). A saturação em setores industriais, mesmo entre os mais avançados, tem levado muitas empresas a operarem com rentabilidade mínima ou até negativa. Em alguns casos, fábricas aceitam pedidos deficitários apenas para manter a força de trabalho e evitar paralisações. A deflação industrial se instala de forma persistente, afetando os lucros corporativos e pressionando os balanços dos bancos, num ciclo que dificulta a retomada sustentada do investimento privado.

CARTA MACROECONÔMICA

Internamente, o consumo segue reprimido, dado o alto nível de incerteza das famílias, cuja riqueza está fortemente atrelada ao setor imobiliário em crise. A ausência de uma rede ampla de proteção social e mecanismos eficazes de redistribuição também limita o potencial de reequilíbrio para uma economia mais orientada à demanda doméstica. Como consequência, a China continua excessivamente dependente de investimentos e exportações para sustentar seu crescimento.

No plano externo, o novo surto de excesso de produção ameaça desencadear um “choque chinês” semelhante ao observado nos anos 2000, quando a expansão das exportações chinesas remodelou cadeias globais e pressionou indústrias em diversos países. Hoje, os principais parceiros comerciais da China (como Estados Unidos, União Europeia, Brasil e Índia) respondem com tarifas e barreiras regulatórias para proteger seus setores industriais. A situação levou até mesmo o governo chinês a reconhecer, com atraso, a existência de excesso de capacidade em setores estratégicos.

Pequim tenta agora reverter parte dessas distorções por meio de diretrizes para frear a competição desleal, revisões na lei de preços e maior controle sobre subsídios locais. Porém, a maior parte dos investimentos recentes está concentrada em empresas privadas, ao contrário de ciclos anteriores, nos quais o governo conseguia intervir diretamente sobre estatais em setores como aço e cimento. A fragmentação entre níveis de governo e a competição entre províncias dificultam a coordenação centralizada.

No campo produtivo, cidades de menor porte apresentam uma taxa de investimento/PIB extremamente elevada (cerca de 58%, ante a média nacional de 40% e patamar de 22% nos países da OCDE), mas com retornos decrescentes em termos de produtividade. Estudos mostram que a produtividade total dos fatores nessas regiões é particularmente baixa, refletindo a natureza ociosa ou mal direcionada dos investimentos.

Para que as chamadas “novas forças produtivas de qualidade” realmente elevem a eficiência da economia, será necessário mais do que máquinas novas e fábricas modernas. É indispensável investir em capital humano, pesquisa e inovação, ao mesmo tempo em que se permite que mecanismos de mercado exerçam papel central na alocação de recursos. Isso implica repensar os incentivos fiscais locais, melhorar a proteção social para facilitar transições ocupacionais e conter o impulso dos governos regionais em perseguir metas de crescimento a qualquer custo.

Embora o governo central reconheça os riscos de uma corrida industrial desordenada, a pressão por manutenção do emprego e do PIB local mantém os incentivos para que investimentos sigam sendo feitos de forma agressiva, mesmo em setores já saturados. O desafio, portanto, não é apenas técnico, mas institucional e político: como reequilibrar o crescimento chinês em direção ao consumo e à produtividade, sem romper com as bases que sustentaram o seu modelo nas últimas décadas.

Economia Brasileira

A conjunção de fatores da economia brasileira e global estão impactando nas condições financeiras do mercado doméstico. Os indicadores apresentam aperto nas condições ao longo dos últimos meses. Os fatores que explicam esse fato é: (i) apreciação do dólar a nível global e doméstico, (ii) recuo do mercado acionário, (iii) queda no preço das commodities e (iv) pressão de juros internos e globais.

O ciclo de crescimento interno apresentou um arrefecimento no segundo trimestre de 2025, quando ocorreu uma expansão trimestral de 0,37%, frente ao crescimento de 1,31% no primeiro trimestre. No segundo trimestre, as contribuições positivas foram: avanço do consumo das famílias, avanço nas exportações e queda nas importações. Do outro lado, contribuíram negativamente os investimentos e o consumo público. Em bases anuais, o PIB cresce a uma taxa de 3,20%, frente ao crescimento de 3,40% no fechamento de 2024. Ou seja, a resiliência no crescimento ainda é alta.

Porém, o crescimento relevante da economia vem produzindo algumas incertezas que chamam a atenção. O ciclo de crédito para as famílias permanece em elevação. A dívida como proporção do PIB está subindo para 36%, maior valor da série histórica. Para as empresas, a dívida vem caindo de 57% para 54% no ano, porém essa queda é explicada especialmente pela apreciação do real, reduzindo o valor das dívidas externas.

Esse cenário de alavancagem do setor privado contrasta com uma piora nos fundamentos. A inadimplência das famílias subiu para 4,5% em julho, maior valor desde 2013. Já a inadimplência das empresas subiu para 2,5%, voltando para as máximas desde 2024.

Isso fez com que as provisões do sistema financeiro cresceram. O sistema financeiro provisionou 7,4% em julho, frente a 5,8% do início de 2025. Porém, essa elevação se deve especialmente à implementação completa da instrução CMN 4.966, que altera algumas regras. Agora os bancos deverão também provisionar não somente perdas incorridas, mas as perdas esperadas, dado os cenários econômicos.

Um segundo ponto de consequência do crescimento acelerado é que atualmente o déficit em transações correntes não está sendo coberto totalmente com o investimento direto. O déficit em transações correntes atual está em 3,49%, enquanto o fluxo de investimento direto anual está em 3,19%. Isso não deve ser um problema no curto prazo, mas requer monitoramento.

Os valuations do MSCI Brazil em reais mostram um mercado acionário ainda descontado. A relação preço/lucro do índice atualmente está em 13x, sendo que a média histórica é de aproximadamente 17x. No mercado de crédito corporativo, os spreads estão estáveis em torno de 140bps sobre o DI.

No âmbito do cenário da inflação, no mês de agosto, o IPCA-15 variou -0,14% e alcançou o patamar de 4,95% em 12 meses. Houve deflação na categoria de alimentos no mês (-1,02%), enquanto a variação anual foi de 7,24%. A conjuntura favorável dos preços pode ser explicada pelo choque de oferta do início do ano e pela apreciação do real no ano. Na categoria de preços monitorados houve uma deflação de -0,61% no mês e marcou 3,59% em 12 meses. A explicação da deflação mensal é devido ao “Bônus de Itaipú”, responsável por forte redução nas tarifas de energia. Na categoria de preços de bens industriais, os preços ficaram estáveis no mês e avançaram 3,35% em 12 meses. A conjuntura positiva destes preços é explicada pela apreciação do real e do arrefecimento do mercado de crédito às famílias. E por fim, os preços de serviços variaram 0,50%, marcando inflação de 5,97% em 12 meses. Ainda existe uma pressão sobre esses preços devido especialmente à resiliência do mercado de trabalho, em termos de geração de emprego e renda média.

CARTA MACROECONÔMICA

Na curva de juros, a inflação de implícita apresentou uma elevação nos vencimentos curtos e manutenção dos longos. A taxa de 2 anos está em torno de 4,61%

Na situação de política fiscal, o cenário segue deteriorado. Um levantamento feito recentemente aponta que desde 2023 até o orçamento de 2026 houve aproximadamente 400 bilhões de reais (aproximadamente 3% do PIB) de gastos que estão excluídos do arcabouço fiscal. Com isso, o indicador de resultado primário deixa de ser uma fonte confiável se situação das contas públicas. Nesse sentido, o indicador mais acompanhado é a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) como proporção do PIB, que atualmente está em torno de 90% do PIB, no conceito do FMI.

Por fim, no cenário de política monetária, o mercado projeta que o Banco Central do Brasil (BCB) começará o ciclo de afrouxamento monetário no início de 2025, esperando que a taxa ao final de 2026 estará em torno de 12,75%.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM INFLAÇÃO IMA-B 5 FIF RF LP RL

Em agosto de 2025, o fundo 4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL apresentou um retorno nominal de 0,83%. O seu benchmark, o IMA-B 5, ficou em 1,18%. No acumulado de 2025, o fundo obtém retorno de 7,99%, enquanto seu benchmark valoriza 7,61%. O resultado mensal do fundo equivale à IPCA + 0,77%, enquanto no ano, equivale à IPCA + 4,44% (ou IPCA + 6,72% anualizado).

As estatísticas da carteira do fundo e do benchmark no final de agosto de 2025 eram as seguintes: a taxa real de carregamento acima da inflação era de 10,46% para o fundo e de 8,57% para o benchmark, ambos anualizados. Implicitamente, o carregamento em inflação é de 3,26% para o fundo e 4,47% para o IMA-B 5. Em relação à duration, o fundo tinha uma estatística de 2,89 anos, enquanto o benchmark tinha uma duration de 2,45 anos.

No mês houve mudanças no portfólio e no benchmark. No IMA-B 5 houve a quarta e última tranche de incorporação da NTN-B 2030 para o IMA-B 5 (essa incorporação foi feita em 4 tranches iguais, iniciada em maio e encerrada em agosto). Atualmente a composição do benchmark é a seguinte: 28,57% em 2026, 15,41% em 2027, 26,46% em 2028, 5,91% em 2029 e 23,66% em 2030.

No nosso portfólio, zeramos a alocação no vencimento de 2026 e reforçamos a alocação em vencimentos mais longos, com o intuito de elevar a duration do portfólio. Assim, a carteira do fundo estava da seguinte forma no fechamento de agosto: 25,18% em 2028, 30,05% em 2030, 14,94% em 2033 e 29,84% em caixa.

No âmbito do cenário da inflação, no mês de agosto, o IPCA-15 variou -0,14% e alcançou o patamar de 4,95% em 12 meses.

Houve deflação na categoria de alimentos no mês (-1,02%), enquanto a variação anual foi de 7,24%. A conjuntura favorável dos preços pode ser explicada pelo choque de oferta do início do ano e pela apreciação do real no ano.

Na categoria de preços monitorados houve uma deflação de -0,61% no mês e marcou 3,59% em 12 meses. A explicação da deflação mensal é devido ao “Bônus de Itaipú”, responsável por forte redução nas tarifas de energia.

Na categoria de preços de bens industriais, os preços ficaram estáveis no mês e avançaram 3,35% em 12 meses. A conjuntura positiva destes preços é explicada pela apreciação do real e do arrefecimento do mercado de crédito às famílias.

E por fim, os preços de serviços variaram 0,50%, marcando inflação de 5,97% em 12 meses. Ainda existe uma pressão sobre esses preços devido especialmente à resiliência do mercado de trabalho, em termos de geração de emprego e renda média.

A Anbima projeta uma inflação de -0,13% para o ciclo de 15-ago à 15-set, enquanto a expectativa para o ciclo de 15-set à 15-out é uma inflação de 0,58%. Esperamos uma inflação de 4,82% em 2025 e 4,07% em 2026.

O mês de julho foi marcado por sinais positivos para as curvas de juros domésticas.

Houve uma descompressão significativa da curva de juros doméstica. As taxas nominais (interpoladas para os respectivos vencimentos de NTN-Bs) caíram 29bps na média, porém com as taxas intermediárias fechando mais do que as longas. As taxas reais tiveram comportamento parecido, mas de menor magnitude, com um fechamento médio de 20bps.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

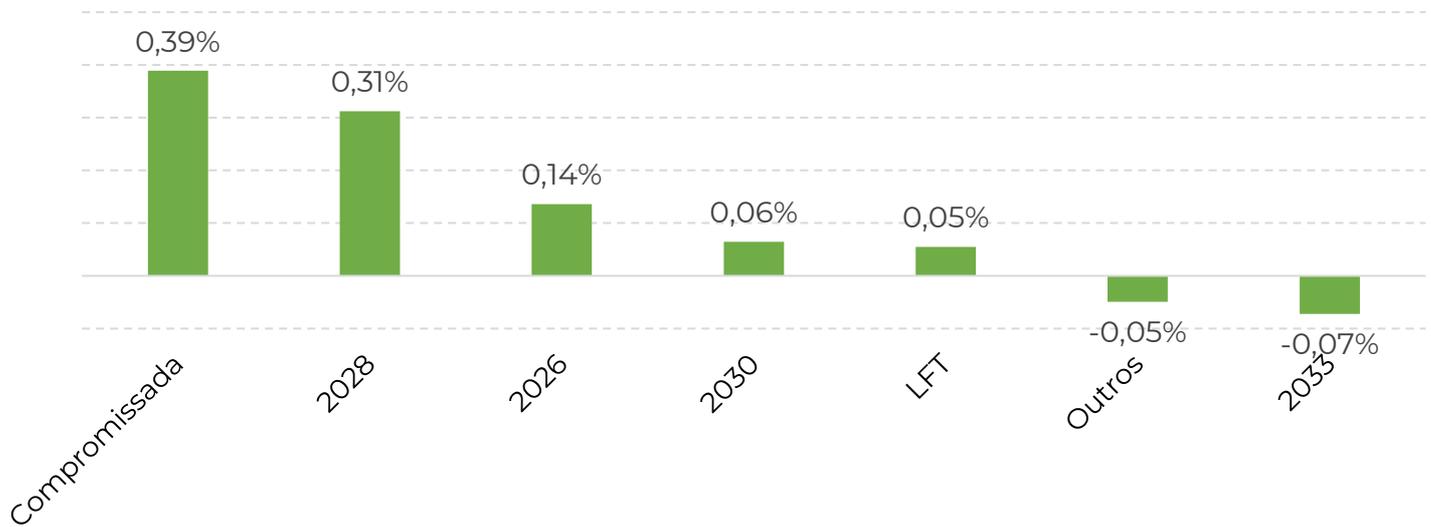
4UM INFLAÇÃO IMA-B 5 FIF RF LP RL

O comportamento inferior ao benchmark no mês é explicado especialmente devido (i) iniciarmos o mês com uma duration mais baixa do que o benchmark e (ii) a redução das taxas não foram tão intensas nos vencimentos de 2030 e 2033, comparativamente às mais curtas.

Prospectivamente, os principais temas para os mercados de juros serão: (i) pesquisas de opinião sobre o ciclo eleitoral em 2026, (ii) intensidade da queda de juros nos Estados Unidos, (iii) comportamento da inflação doméstica e (iv) discrepância de desempenho entre o mercado de crédito e o mercado de trabalho brasileiro.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM INFLAÇÃO IMA-B 5 FIF RF LP RL



	Mês	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Início
Retorno	0,83%	7,99%	7,93%	16,30%	29,22%	62,13%
IMA-B 5	1,18%	7,61%	8,92%	17,79%	31,89%	76,97%

PI médio (12 meses): R\$ 38.075.876,80
Início do fundo: 13/02/2019

Aplicação Inicial	Movimentação Mínima	Saldo Mínimo
R\$ 500,00	R\$ 100,00	R\$ 500,00
Horário Limite (movimentações)	Liquidez	Código ANBIMA
15h00	D+1 útil	489905
Administrador	Gestor	Custodiante
BEM DTVM	4UM GR	Bradesco

Taxa de Administração/Performance

0,40% a.a. / 10% sobre o que exceder o IMA-B 5

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM FIF RF CRÉDITO PRIVADO LP RL

No mês de agosto de 2025, o 4UM FIF RF Crédito Privado LP RL apresentou rentabilidade de 1,14%, equivalente a 98,2% do CDI. Em relação às classes de ativos, terminamos o mês com 61,3% do PL do fundo alocados em Crédito Privado, estando distribuída entre Debêntures (26,5%) e ativos de Instituições Financeiras (34,8%). A parcela de caixa encerrou o mês representado 30,9% do PL. Por último, a parcela de Operações de Termo foi responsável pelo restante dos 7,8% da alocação.

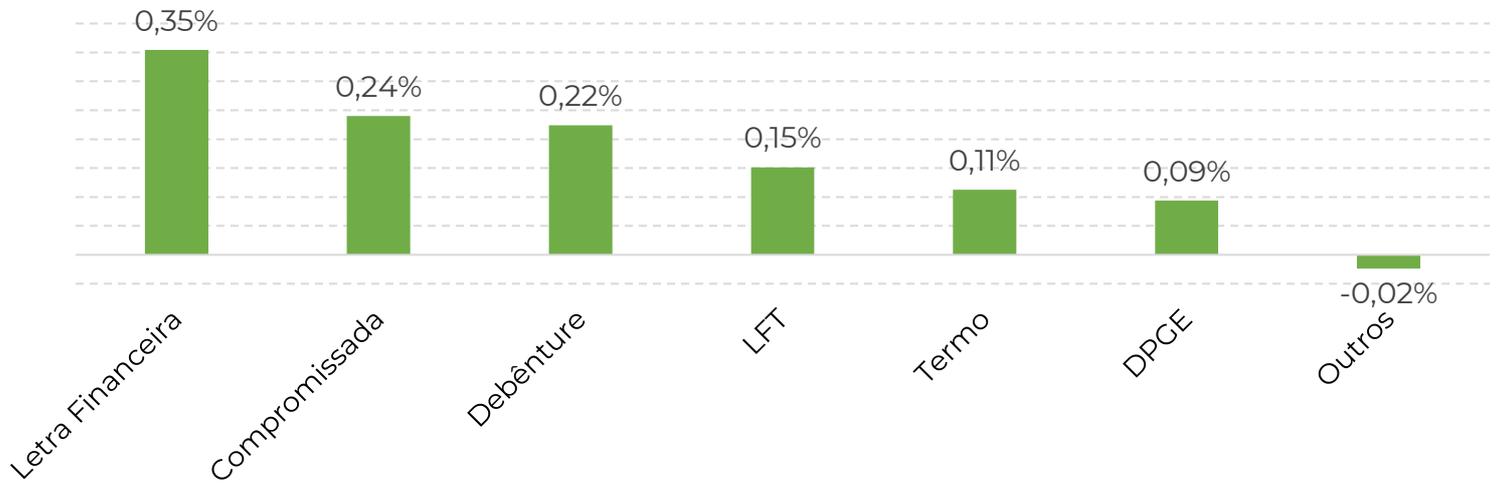
No mês, o número de novas operações a termo no 4UM Crédito Privado foi de 73, com financeiro médio próximo a R\$182.8 mil e prazo médio de 43 dias. Ao todo, foram liquidadas 100 operações, sendo que 37,0% destas foram de maneira antecipada. O resultado das operações liquidadas foi de 162% do CDI.

O spread da carteira de crédito encerrou o mês com carregamento médio ponderado de CDI+0,78%, aumento de 4 pontos-base em relação ao mês anterior. Esse pequeno movimento de aberturas no spread total da carteira de crédito tem nuances específicos. Como regra geral, tivemos uma manutenção ou pequenos movimentos de fechamento nas taxas dos ativos. A exceção são os ativos de Cosan S.A., que tiveram abertura entre 1,02% (CSANB0) até 1,56% (CSANA1) nos seus prêmios. A exposição total ao emissor, em diferentes ativos, é de 2,53% na carteira de fechamento do mês. A Cosan é uma holding que atua diretamente em diferentes setores (Óleo & Gás, Logística, Distribuição de Combustíveis etc.) e, a algum tempo, apresenta um nível de alavancagem levemente acima da média do 4UM Crédito (excluindo utilities), o que é inerente ao seu tipo de negócio, dado os investimentos realizados nos últimos períodos. A Raízen (pertencente à holding Cosan) demonstrou resultados operacionais fracos no último release, demandando aporte de capital para cobrir o prejuízo. Após especulações frustradas de que haveria interesse na compra por parte da Petrobrás, a Shell (acionista atual de 44% da Raízen) anunciou que fará o aumento de capital, diluindo a Cosan (que também possui 44%). Ainda que a alta alavancagem da Raízen a prejudique em momentos de alta taxa de juros, somado a sua dificuldade operacional recente, gere preocupações, a Cosan possui outros ativos rentáveis em seu portfólio que ajudam a compensar as perdas. Porém, o aumento do risco para a holding refletiu em seus papéis. Com isso, o retorno nominal ponderado do emissor na carteira foi de -2,35%, o que contribuiu em -0,06% do resultado do fundo durante o mês de agosto.

Em algumas cartas, anteriormente, citamos que o mercado de crédito privado ganhou eficiência na precificação de possíveis riscos com o aumento da liquidez no secundário. Entendemos que Cosan tem seus pontos de cuidado e riscos (como qualquer outra tese de investimento) e o mercado vem precificando tais fatores.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM FIF RF CRÉDITO PRIVADO LP RL



	Mês	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Início
Retorno	1,14%	9,57%	13,54%	28,12%	46,79%	79,56%
% CDI	98,21%	106,12%	105,23%	110,19%	110,03%	109,83%

PI médio (12 meses): R\$ 260.281.420,80
Início do fundo: 14/03/2019

Aplicação Inicial	Movimentação Mínima	Saldo Mínimo
R\$ 500,00	R\$ 100,00	R\$ 500,00
Horário Limite (movimentações)	Liquidez	Código ANBIMA
15h00	D+20 úteis	491322
Administrador	Gestor	Custodiante
BEM DTVM	4UM GR	Bradesco

Taxa de Administração/Performance

0,00% a.a. / 20% sobre o que exceder 104% do CDI

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

RENDA FIXA

	Aplicação Inicial	Movimentação Mínima	Saldo Mínimo
4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL	R\$ 500,00	R\$ 100,00	R\$ 500,00
4UM FIF RF Crédito Privado LP RL	R\$500,00	R\$100,00	R\$500,00

	Horário Limite (movimentações)	Liquidez	Código ANBIMA
4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL	14h30	D+1 útil	489905
4UM FIF RF Crédito Privado LP RL	14h30	D+20 úteis	491322

	Administrador	Gestor	Custodiante
4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL	BEM DTVM	4UM GR	Bradesco
4UM FIF RF Crédito Privado LP RL	BEM DTVM	4UM GR	Bradesco

	Taxa de Administração/Performance
4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL	0,40% a.a. / 10% sobre o que exceder o IMA-B 5
4UM FIF RF Crédito Privado LP RL	0,00% a.a. / 20% sobre o que exceder 104% do CDI

DTVM

4UM Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.
CNPJ: 76.621.457/0001-85
Rua Visconde do Rio Branco, 1488, 4º andar
Curitiba – Paraná
CEP: 80420-210
Telefone: (41) 3351-9966
atendimento@4um.com.br
www.4um.com.br

Ouvidoria: 0800 645 6094

GESTÃO

4UM Gestão de Recursos Ltda.
CNPJ: 03.983.856/0001-12
Rua Visconde do Rio Branco, 1488, 4º andar
Curitiba – Paraná
CEP: 80420-210
Telefone: (41) 3351-9966
atendimento@4um.com.br
www.4um.com.br

Ouvidoria: 0800 645 6094

Este é um material de divulgação com fins informativos e não deve servir como única base para tomada de decisões de investimento, nem deve ser considerada uma oferta para aquisição de cotas. Leia a lâmina de informações essenciais, o regulamento e o material técnico denominado como "Informativo Mensal" antes de investir, os quais podem ser obtidos no site do administrador/gestor, 4UM Investimentos, bem como os selos ANBIMA em www.4um.com.br. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador ou por qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, pelo Fundo Garantidor de Crédito. Principais fatores de risco: Risco de Crédito, caracterizado pela possibilidade de que os emissores de títulos e valores mobiliários integrantes da carteira do FUNDO ou as contrapartes do FUNDO nas operações realizadas com seus títulos e valores mobiliários não cumpram suas obrigações; Risco de Mercado, caracterizado pela possibilidade de variação do preço ou rendimento dos títulos e valores mobiliários integrantes da carteira do FUNDO, em função de alterações nos fatores de mercado que os determinam; Risco de Liquidez, caracterizado pela possibilidade de haver pouca ou nenhuma demanda pelos títulos e valores mobiliários integrantes da carteira do FUNDO nos mercados em que são negociados, devido a condições específicas desses títulos e valores mobiliários ou dos mercados em que são negociados. Supervisão e Fiscalização: Comissão de Valores Mobiliários – CVM. Serviço de Atendimento ao Cidadão em www.cvm.gov.br.

Signatory of:

